



Nesta edição (v. 16, n. 02) a Revista Escritas apresenta o Dossiê Temático: **Os usos públicos e a publicização da história**, no qual reuniu trabalhos de natureza teórico-metodológica, estudos de casos e resultados de pesquisa serial, todos devotados a compreenderem as relações entre história pública, usos de novas mídias digitais e o ensino de História.

Antes das devidas apresentações dos artigos que compõe esta edição, devemos problematizar os significados e sentidos intrínsecos à noção de História Pública, a fim de entendermos melhor sua correlação com os avanços das novas mídias digitais, em especial, no alcance e na participação do público no fazer histórico.

De acordo com especialistas como Hilda Kean, Serge Noiret e Ludmila Jordanova, a História Pública é um campo de investigação que ultrapassa os limites do saber acadêmico, democratizando o acesso ao conhecimento histórico e promovendo o diálogo entre pesquisadores, instituições e a sociedade em geral. Diferente da historiografia tradicional, a HP valoriza práticas colaborativas, como a preservação da memória coletiva, a produção de narrativas compartilhadas e o uso de múltiplos suportes — museus, arquivos comunitários, mídias digitais, exposições e projetos educativos — aproximando os sujeitos comuns da história. Nesse sentido, a HP não se restringe à divulgação científica, mas atua também na construção de identidades, na valorização de experiências sociais diversas e na ampliação da participação cidadã no processo de interpretação e uso do passado.

Portanto, consideramos que a HP foi responsável por uma renovação no campo historiográfico, uma vez que ao valorizar a interação entre historiadores e diferentes públicos, encontra nas mídias digitais — como redes sociais, podcasts, plataformas de vídeo, jogos eletrônicos e sites colaborativos — um espaço privilegiado para ampliar o alcance e a circulação do conhecimento histórico. Essas ferramentas possibilitam a criação de narrativas plurais e acessíveis, estimulando o protagonismo de diferentes grupos sociais na preservação e interpretação da memória. No tocante ao ensino de História, a HP favorece a adoção de metodologias inovadoras, nas quais os estudantes não apenas consomem conteúdos, mas também produzem, reinterpretem e compartilham experiências históricas em ambientes digitais. Assim, ao articular História Pública, tecnologias digitais e educação, abre-se um caminho para democratizar o conhecimento histórico, fortalecer a consciência crítica e estimular novas formas de cidadania histórica no tempo presente.

No artigo **Qual o espaço da História no século XXI? – Uma experiência a partir de um Projeto de Extensão** o autor aborda a experiência do Projeto de Extensão Me Conta Essa História, da Universidade Federal de Jataí, discutindo o papel da História Pública como atitude de aproximação do historiador com públicos diversos. O tema central é a necessidade de ocupar os espaços de debate histórico diante do avanço de discursos de não-historiadores, especialmente em tempos de negacionismo. A metodologia usada foi a análise das práticas extensionistas desenvolvidas no projeto, destacando o uso de novas tecnologias e inteligência artificial como ferramentas de comunicação. O texto dialoga com a bibliografia de História Pública e comunicação histórica, ressaltando que os



resultados apontam para a importância da inserção digital do historiador, de forma crítica e reflexiva, na mediação com a sociedade.

Em seu trabalho **Quanto valem os Likes para o Historiador?** encontramos uma discussão teórica acerca da relação entre História Pública, História Digital e o papel social do historiador diante da circulação de informações históricas nas redes. A questão central foi problematizar a autoridade profissional do historiador frente à popularidade dos “likes” em conteúdos sem rigor científico. A metodologia usada foi teórico-reflexiva, dialogando com autores brasileiros e internacionais que discutem História Pública, Teoria da História e História Digital. Os resultados indicam que o historiador precisa encontrar novas formas de atuação crítica e ética, lidando com a concorrência de produtores de conteúdo não profissionais, sem abrir mão do compromisso científico, mas reconhecendo os desafios do ambiente digital.

Em seu artigo **“Práticas de História Pública como possibilidade de enfrentar o silenciamento sobre a presença negra em Jataí: Parceria entre museu e Universidade”** os autores analisaram o papel do Museu Histórico de Jataí (MHJ) na preservação e difusão das memórias negras da região, destacando sua função como espaço de disputa de narrativas. O tema central foi a construção e ressignificação da memória coletiva no museu, com foco em exposições realizadas entre 2005 e 2024, especialmente o Novembro Negro e a mostra sobre egressos(as) negros(as) da UFJ. A metodologia foi baseada na análise crítica de exposições museológicas, em diálogo com os campos da museologia social e da História Pública. Os resultados mostram tensionamentos em torno da representação da presença negra, mas também apontam para práticas colaborativas que promovem uma memória mais plural e inclusiva.

No trabalho **A (Não)Historicidade do Quilombo Cocali(nho)m e o silenciamento de uma cultura** discutiu-se o silenciamento cultural e histórico do Quilombo Cocali(nho)m, em Santa Fé do Araguaia (TO), a partir da Análise de Discurso de base pecheutiana e orlandiana. Os temas da ressignificação simbólica do nome da comunidade e os efeitos desse processo na historicidade quilombola encontram-se presentes ao longo de todos o artigo. A metodologia combina a teoria discursiva de Michel Pêcheux (1983) e Eni Orlandi (2007) com entrevistas semiestruturadas realizadas com moradores anciãos e remanescentes do quilombo. Os resultados evidenciam como o discurso atua na determinação dos sentidos, revelando mecanismos de apagamento cultural e a necessidade de resistir ao silenciamento para preservar a identidade afro-brasileira.

Em seu artigo **A memória docente como fonte: a condição feminina nas narrativas de professoras em Santa Fé do Araguaia (TO)**, o autor investigou a condição feminina e a trajetória docente de três professoras aposentadas de Santa Fé do Araguaia, que iniciaram suas carreiras entre as décadas de 1960 e 1980. O tema é a relação entre identidade docente e gênero, articulada às dificuldades sociais e econômicas da região do antigo norte de Goiás. A metodologia é qualitativa, baseada na História Oral e em entrevistas narrativas. O diálogo teórico contempla estudos sobre feminização docente e memória. Os resultados mostram que a escolha profissional esteve ligada tanto a fatores intrínsecos (vocação e identidade feminina no magistério) quanto extrínsecos (dificuldades financeiras e ausência de políticas públicas educacionais).



O artigo **As Construções das Representações do Tocantins: Pelas Veredas dos Vaqueiros, Tropeiros e Camaradas** buscou resgatar as vivências de vaqueiros, tropeiros e camaradas no antigo sertão goiano, mostrando sua relevância social, econômica e cultural para a formação do atual Tocantins. O tema é a representação dessas figuras históricas, muitas vezes marginalizadas, mas fundamentais na construção do imaginário regional. A metodologia é a análise de fontes literárias (Hugo de Carvalho Ramos, Juarez Moreira Filho, Carmo Bernardes) e relatos de viajantes (Gallais, Artur Pena e Belisário Neiva), ampliada por outras fontes históricas. Os resultados destacam como essas práticas revelam silêncios e resistências culturais, compondo um retrato vivo e plural da memória sertaneja.

O artigo **Da Hiperguerra Cotidiana: As Ciberbombas Virais e o Agenciamento da Emoção Públicas** apresenta uma análise qualitativa e teórico-conceitual sobre a disseminação das fake news, compreendidas não apenas como circulação de informações falsas, mas como verdadeiras “ciberbombas” capazes de desestabilizar a vida democrática. A partir de uma abordagem epistêmico-militar, o estudo mostra como esses mecanismos de contrainformação corroem a confiança pública, instauram pânico social e configuram uma “hiperguerra” no cotidiano. A conexão com a História Pública está no modo como o artigo discute a circulação de narrativas no espaço público, destacando o papel das mídias digitais na produção de sentidos e no agenciamento das emoções coletivas, o que influencia diretamente a forma como a sociedade interpreta sua própria história em tempo real.

Por sua vez, o artigo **Lá e Aqui: Periodização do Povo Karajá-Yxambioá** tem como objetivo compreender como esse povo indígena organiza sua própria história a partir de marcos temporais distintos da periodização eurocêntrica. Dialogando com autores como Goody (2008), Elias (1998), Portelli (1997) e Thompson (1992), o estudo utiliza a metodologia da História Oral para entrevistar quatro anciões Karajá-Yxambioá, que narram acontecimentos desde a “Saída do fundo do rio” até a fixação em Santa Fé do Araguaia. O resultado evidencia a importância de registrar e difundir histórias construídas fora dos moldes tradicionais da historiografia ocidental. Nesse sentido, conecta-se diretamente à História Pública ao democratizar vozes silenciadas, reconhecendo e legitimando narrativas indígenas como parte essencial da memória histórica coletiva.

Ao fim e ao cabo, os artigos aqui reunidos apresentam ricas discussões sobre a produção do conhecimento histórico e sua respectiva publicização, demonstrando como a História Pública tem contribuído na promoção de reflexões críticas sobre os modos de fazer e usos políticos da História. Ressaltamos também a diversidade de abordagens teórico-metodológicas e de temáticas pesquisadas, contribuindo assim para a expansão dos horizontes no campo de pesquisa da História Pública.

Prof. Dr. Raick de Jesus Souza

Prof. Dr. Éder Mendes de Paula